

☪ Desventuras em Série ☪

Livro segundo



A SALA DOS RÉPTEIS

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Carlos Sussekind

22ª reimpressão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 1999 by Lemony Snicket
Copyright das ilustrações © 1999 by Brett Helquist

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Publicado mediante acordo com
HarperCollins Children's Books,
divisão da HarperCollins Publishers, Inc.*

Título original:
The Reptile Room

Preparação:
Cristina Yamazaki

Revisão:
*Carmen S. da Costa
Cláudia Cantarin*

Atualização ortográfica:
Verba Editorial

*Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Snicket, Lemony

A Sala dos Répteis / Lemony Snicket ; ilustrações de Brett Helquist ; tradução de Carlos Sussekind. — São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

Título original: The Reptile Room.

ISBN 978-85-359-0143-6

1. Literatura infantojuvenil I. Helquist, Brett. II. Título.

01-2429

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



CAPÍTULO

Um

O trecho da estrada que sai da cidade, passa pelo Porto Enevoadado e vai até a aldeia vizinha de Tédia, talvez seja o mais desagradável do mundo. É chamado de Mau Caminho. O Mau Caminho atravessa campos de um cinzento doentio, em que um punhado de árvores esqueléticas produz maçãs tão ácidas que só de olhar para elas já nos sentimos doentes. O Mau Caminho cruza o rio da Amargura, massa d'água que tem noventa por cento de lama e uma população de peixes esqueléticos, apodrecendo por falta de oxigênio, e que ainda por cima circunda uma fábrica de raiz-forte, de modo que toda a área tem um cheiro ardido e avassalador.

Lamento ter de contar para vocês que a história começa com os órfãos Baudelaire avançando por essa estrada horrível, e que daqui por diante a história só vai piorar. De todas as pessoas no mundo com vidas deploráveis — e vocês bem sabem que há um bom número delas —, os jovens Baudelaire ganham o prêmio, expressão aqui usada para significar que eles passaram por mais coisas abomináveis do que qualquer outra pessoa que conheço. A infelicidade deles começou com um incêndio gigantesco que destruiu a casa em que moravam e matou seus queridos pais — tristeza suficiente capaz de durar por toda a vida, mas, no caso dessas três crianças, foi apenas o mau começo. Depois do incêndio, os irmãos foram mandados para a casa de um parente distante, o conde Olaf, um homem terrível e ganancioso. Os Baudelaire pais deixaram uma enorme fortuna que seria dos filhos quando Violet atingisse a maioridade, e o conde Olaf estava tão obcecado para pôr as mãos nesse dinheiro que arquitetou um plano diabólico que até hoje me dá pesadelos quando penso nele. Foi desmascarado em tempo, mas fugiu antes que o prendessem e jurou que ainda encontraria um jeito de se apossar da fortuna algum dia. Violet, Klaus e Sunny continuavam tendo pesadelos com os olhos de brilho

fulminante do conde Olaf, com sua sobrançelha farpeada (duas numa só) e, mais que tudo, com a tatuagem de olho que ele tinha no tornozelo. Aquele olho parecia vigiar os órfãos Baudelaire para onde quer que eles fossem.

Devo avisá-los, portanto, que se abriram este livro com a esperança de ler que depois de tudo o que lhes aconteceu os meninos viveram felizes para sempre, o melhor é fechar o livro e procurar outra leitura qualquer. Porque Violet, Klaus e Sunny, muito apertados num carro pequeno sem espaço para mais nada e olhando pelas janelas para o Mau Caminho, rodavam em direção a um destino ainda mais sobrecarregado de desgraças e tristezas. O rio da Amargura e a fábrica de raiz-forte eram apenas os primeiros de uma sequência de trágicos e lamentáveis acontecimentos — cada vez que penso neles, uma lágrima rola no meu rosto e fico tenso de raiva.

Quem dirigia o carro era o sr. Poe, amigo da família que trabalhava num banco e que tinha uma tosse que não parava. Ele estava encarregado de zelar pelos interesses dos órfãos, de modo que foi ele quem decidiu que, depois de todas as contrariedades vividas com o conde Olaf, os meninos ficariam sob os cuidados de um parente que morava no campo.

“Vocês me desculpem se estão mal acomodados

aí atrás”, disse o sr. Poe, tossindo num lenço, “mas nesse meu carro novo não cabem muitas pessoas. Não foi possível sequer colocar nenhuma das malas de vocês. Dentro de uma semana mais ou menos voltarei aqui trazendo as malas.”

“Obrigada”, disse Violet que, com catorze anos, era a mais velha dos irmãos Baudelaire. Qualquer um que conhecesse Violet podia ver que o pensamento dela na verdade não estava nas palavras do sr. Poe, porque nesse momento a menina trazia os longos cabelos presos por uma fita para afastá-los dos olhos. Violet era uma inventora e quando estava concentrada em alguma de suas invenções gostava de amarrar os cabelos dessa maneira. Uma forma de ajudá-la a pensar com maior clareza nas várias engrenagens, arames e cordas envolvidas na maior parte de suas criações.

“Depois de terem morado tanto tempo na cidade”, prosseguiu o sr. Poe, “acho que o campo vai ser uma mudança agradável para vocês. Pronto, esta é a curva onde precisamos virar. Estamos quase chegando.”

“Ainda bem”, disse Klaus baixinho. Klaus estava bastante entediado, como muitas pessoas costumam ficar durante trajetos de automóveis, e triste por não ter trazido um livro com ele. Klaus adorava ler, e nos

seus aproximadamente doze anos de idade havia devorado mais livros do que muita gente é capaz de ler ao longo de toda a vida. Às vezes lia até bem tarde da noite, e de manhã podia-se ver que caíra no sono com o livro nas mãos e sem sequer tirar os óculos.

“Acho que vocês vão gostar do dr. Montgomery”, disse o sr. Poe. “Ele viajou muito, de forma que tem uma porção de histórias para contar. Ouvi dizer que a casa dele está repleta de coisas que ele trouxe dos lugares por onde passou.”

“Bax!”, gritou Sunny. Sunny, a mais nova dos órfãos, frequentemente falava assim, que é o jeito de falar dos bebês. Na verdade, quando não estava mordendo coisas com seus quatro dentes bem afiados, Sunny passava a maior parte do tempo soltando esses fragmentos de fala. Muitas vezes era difícil entender o que ela estava querendo dizer. Naquele momento o sentido de sua exclamação provavelmente tinha a ver com “Estou nervosa com isso de conhecer um novo parente”. Não era só ela que estava nervosa, mas todos os três.

“Qual é exatamente o parentesco que dr. Montgomery tem conosco?”, perguntou Klaus.

“O dr. Montgomery vem a ser... deixe-me ver... irmão da mulher do primo de seu falecido pai. Acho que é isso. É um cientista de certo renome, e recebe

muito dinheiro do governo.” Como banqueiro, o sr. Poe estava sempre interessado em dinheiro.

“Como é que a gente deve chamá-lo?”, perguntou Klaus.

“Chamem de *doutor* Montgomery”, respondeu o sr. Poe, “a não ser que ele diga para vocês o chamarem de Montgomery. Mas tanto o seu prenome como o seu sobrenome são Montgomery, de modo que na verdade não faz muita diferença.”

“Seu nome é Montgomery Montgomery?”, Klaus riu ao perguntar.

“Sim, e tenho certeza de que ele não aprecia brincadeiras com isso, de modo que é bom não fazerem troça”, disse o sr. Poe tossindo novamente no seu lenço. “*Fazer troça* é o mesmo que ‘caçoar’.”

Klaus deu um suspiro:

“Eu sei o que quer dizer *fazer troça*.” Ele só não acrescentou que, claro, também sabia que não se deve caçoar do nome de ninguém. Às vezes as pessoas pensavam que os órfãos, por serem infelizes, eram também abobalhados.

Violet também suspirou, e soltou a fita dos cabelos. Ela estivera pensando numa invenção que conseguisse impedir o cheiro de raiz-forte a chegar às narinas das pessoas, mas a preocupação com o encontro próximo com o dr. Montgomery não deixava

ela se concentrar. “Você sabe que tipo de cientista ele é?”, perguntou. Ela estava pensando se o dr. Montgomery não teria um laboratório que ela também pudesse usar.

“Não tenho bem certeza”, admitiu o sr. Poe. “Estive muito ocupado tratando das condições em que vocês ficariam aqui e não tive tempo para puxar outros assuntos. Olhem, aí está a entrada. Chegamos.”

O sr. Poe conduziu o carro por uma estradinha de cascalho bastante inclinada, em direção a uma enorme casa de pedra. A casa tinha uma porta de entrada de madeira escura, com algumas colunas na varanda. De cada lado da porta havia luminárias em forma de tochas, todas acesas, apesar de ser manhã. Acima da porta da frente, a casa possuía fileiras e mais fileiras de janelas quadradas, a maioria delas aberta para deixar que a brisa entrasse. Mas, diante da casa, via-se algo verdadeiramente fora do comum: um vasto e bem cuidado gramado, repleto de longos e finos arbustos que haviam sido podados para ficar com a aparência de cobras. Cada arbusto era um tipo diverso de serpente: umas longas, outras curtas, umas de língua para fora e outras de boca aberta revelando dentes verdes assustadores. Todas bem intimidativas, tanto que Violet, Klaus e Sunny mostra-

ram certa hesitação em caminhar passando ao lado delas no trajeto até a casa.

O sr. Poe, que ia na frente, nem pareceu notar os arbustos, possivelmente porque estava concentrado em passar às crianças instruções sobre como se comportar.

“Escute, Klaus, não faça muitas perguntas logo no começo. Violet, o que foi que houve com a fita em seus cabelos? Achei que aquele penteado lhe dava uma aparência tão distinta! E, por favor, alguém vigie Sunny e não deixe que ela morda o dr. Montgomery. Seria desfavorável como primeira impressão.”

O sr. Poe apressou o passo até a porta e tocou uma campainha que soava mais alto que qualquer outra campainha já ouvida pelos meninos. Depois de uma curta pausa, ouviram passos se aproximando, e Violet, Klaus e Sunny se entreolharam. Não tinham como saber, é claro, que muito em breve mais desgraças estariam afligindo sua infortunada família, mas, de qualquer modo, estavam inquietos. *O dr. Montgomery seria uma pessoa legal?*, pensavam. *Melhor que o conde Olaf, pelo menos? Seria possível que fosse pior?*

A porta abriu-se com um rangido, vagarosamente, e os órfãos Baudelaire prenderam a respiração ao olhar para dentro do escuro hall de entrada. Viram um tapete púrpura-escuro estendido sobre o chão.

Viram um lustre em vitral que pendia do teto. Viram na parede uma grande pintura a óleo que representava duas cobras entrelaçadas. Mas onde estava o dr. Montgomery?

“Olá!?!”, indagou em voz alta o sr. Poe. “Olá!?!”

“Olá, olá, olá!”, ouviu-se, alto e bom som, de alguém que surgiu detrás da porta, um homem baixinho e rechonchudo de rosto bem redondo e avermelhado. “Sou seu tio Monty, e vocês chegaram bem na hora! Acabei de preparar um bolo com creme de coco!”